

“revolver a terra para semear heterotopias”.

Eduardo Frota cava mais fundo.

De fato: espalhar 27 caixas de terra na galeria, uma para cada unidade de uma federação que se desfaz;

Contar, em cada caixa, a história de algum motim, revolta, massacre, luta que marca o que chamamos de país;

Distribuir 100 mudas de pau-brasil para o público plantar. Entre tantos outros detalhes e enlaces pensados pelo artista.

Voltar à terra para forjar um novo lugar. Recomeçar a vida, a história, unir as pontas do pau-brasil com a deste tempo.

Unir o que morre e o que brota, as lutas pela vida e a vida que começa, neste momento em que a morte está (ainda mais) por todos os lados.

Mudas de resistência social, popular, política.

Enterrar o pau-brasil e desenterrar índios, pobres, pretos. Suas lutas, suas vidas, seus gritos.

Desabrochar de outro tempo e de outro lugar – já. Semear. Fazer nascer. Dar a luta à luz.

Lançar o público nas tarefas urgentes do futuro – já.

Com a mão na terra. A terra na mão. Tocar a terra, revirá-la, para fazer nascer outra vida e, com ela, outro lugar.

Tarso de Melo

S.Paulo, 2019